

O Conhecimento Científico na Fronteira das Diversas Áreas da Economia 2

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

O Conhecimento Científico na Fronteira das Diversas Áreas da Economia 2

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C749 O conhecimento científico na fronteira das diversas áreas da economia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-407-8

DOI 10.22533/at.ed.078201709

1. Economia – Pesquisa – Brasil. I. Senhoras, Elói Martins.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As Ciências Econômicas conformam um rico campo de estudos que ao longo dos últimos dois séculos e meio passou por relevantes transformações reflexivas às transformações da realidade, refletindo assim na maturação de uma massa crítica de conhecimentos científicos, bem como de crescente diversificação epistemológica e conformação de paradigmas, recortes teóricos e correntes do pensamento.

Fundamentado em uma plural compreensão sobre a própria trajetória institucional do pensamento econômico, o presente livro, “O Conhecimento Científico na Fronteira das Diversas Áreas da Economia 2”, apresenta uma diversidade de leituras que valorizam a realidade empírica a partir de distintas abordagens alicerçadas, seja por recortes teóricos ortodoxos e heterodoxos, ou ainda por recortes metodológicos com modelagens qualitativas e quantitativas.

Estruturado em doze capítulos que mapeiam temáticas que exploram as fronteiras do conhecimento econômico, este livro é fruto de um trabalho coletivo constituído pela reflexão de 21 pesquisadoras e 20 pesquisadores oriundos nacionalmente das regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste, bem como internacionalmente da Colômbia e Espanha.

No primeiro capítulo, “Aplicação do modelo ARIMA à previsão de arrecadação de tributos federais”, é realizado um exercício econométrico de modelagem e previsão da arrecadação total de tributos federais, utilizando-se da metodologia BOX-Jenkins para identificar e simular o processo gerador de série temporal da arrecadação de tributos federais, ajustando uma previsão para seis períodos à frente.

No segundo capítulo, “Ensino de educação financeira: uma reflexão sobre consumo consciente a partir do orçamento financeiro”, apresenta-se o ensino de Educação Financeira em uma turma da Educação de Jovens e Adultos em uma escola estadual no interior do estado de Pernambuco, com base no aporte de Etnomatemática para facilitar a reflexão docente e discente sobre consumo consciente.

No terceiro capítulo, “Inversões entre governança corporativa e cultura organizacional: uma investigação numa empresa familiar brasileira”, através de um estudo de caso, aborda-se empiricamente a implantação de um modelo de governança e gestão, e os desafios culturais, de uma empresa familiar brasileira, a qual, hodiernamente, é administrada pela segunda geração.

No quarto capítulo, “Da responsabilidade social corporativa ao valor compartilhado: um desafio para o setor cooperativo colombiano”, apresenta-se uma reflexão alusiva à responsabilidade social e ao imprescindível valor de gestão que representa no modelo de governança cooperativa na Colômbia, principalmente quando compartilha valor com seus diferentes públicos de relacionamento.

No quinto capítulo, “Indústria agro-alimentar em Extremadura (Espanha): obstáculos à inovação, ações públicas exigidas e estratégias de inovação”, o estudo aborda a inovação sob o prisma público-privado, de modo que os resultados apresentados permitiram determinar diferentes tipologias de empresas agroalimentares sob o ponto de vista das estratégias inovadoras.

No sexto capítulo, “SISBOV: uma análise sobre sua contribuição para promover exportações brasileiras de carne bovina com certificação de origem”, o estudo demonstra que a rastreabilidade do produto exportado do SISBOV não é suficiente para garantir o acesso ao comércio internacional, tampouco para inibir o comportamento oportunista entre os atores da cadeia produtiva e os agentes públicos de fiscalização e monitoramento do setor.

No sétimo capítulo, “Uma análise empírica da volatilidade do retorno do boi gordo para o Brasil”, a pesquisa aplicou os modelos de volatilidade condicional univariados à série temporal dos log-retornos dos preços recebidos pelos produtores de boi gordo, analisando os parâmetros estimados de reação, persistência e assimetria, além de identificar possibilidades de alavancagens da série em cada modelo.

No oitavo capítulo, “Acompanhamento dos preços dos produtos da cesta básica do DIEESE no ano de 2019 no município de Erechim – RS”, apresenta-se os resultados do projeto extensivo de pesquisa, demonstrando significativa queda da capacidade de consumo frente ao aumento inflacionário médio de 17% dos preços mensais da cesta básica entre janeiro e dezembro.

No nono capítulo, “Ações para a inclusão do pescado na alimentação escolar no município de Itanhaém – SP – Brasil”, a pesquisa formou uma rede sociotécnica, para discutir, elaborar e dar suporte à inclusão do pescado na alimentação escolar, realizou testes de aceitabilidade, bem como estudo de viabilidade técnica e econômica, demonstrando resultados positivos para a eventual implementação da política.

No décimo capítulo, “Apicultura e sustentabilidade: impactos negativos do uso de agrotóxicos, uma ameaça às abelhas?”, os resultados do estudo de caso, no município de Barbalha – CE, apresentam os riscos da utilização indevida de agrotóxicos e os correspondentes impactos aos agroecossistemas, acarretando em consequências ainda incalculáveis no âmbito da Economia Ambiental.

No décimo primeiro capítulo, “O papel das instituições e dos instrumentos de governança ambiental para a sustentabilidade como elemento importante ao combate do desmatamento no Pará: uma breve análise”, as instituições e os instrumentos de governança ambiental para a sustentabilidade são analisados como elementos centrais ao combate do desmatamento à luz da Nova Economia Institucional.

No décimo segundo capítulo, “A influência portuguesa no teatro brasileiro: uma breve reflexão histórica”, a leitura institucional da transversalidade da cultura no desenvolvimento é realizada com foco histórico e sociológico a partir de uma discussão acerca da origem e

percepção de cultura, bem como da relação entre o teatro e a sociedade que caracterizam a influência portuguesa no desenvolvimento do teatro brasileiro.

Com base nestes doze capítulos, a presente obra coaduna diferentes prismas do complexo caleidoscópico que são as Ciências Econômicas, caracterizando-se por um olhar que estimula a pluralidade teórica e metodológica, ao apresentar distintos estudos que visam em sentidos contraditórios, tanto, delimitar a fronteira disciplinar, quanto, ampliar a dinâmica fronteira multidisciplinar.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico das Ciências Econômicas em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos instigantes estudos econômicos deste livro.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

APLICAÇÃO DO MODELO ARIMA À PREVISÃO DE ARRECADAÇÃO DE TRIBUTOS FEDERAIS

Kelly Cristina de Oliveira
Fábio Lúcio Rodrigues
Marta Aurélio Dantas de Lacerda
Alexsandro Gonçalves da Silva Prado
Francisco Roldineli Varela Marques

DOI 10.22533/at.ed.0782017091

CAPÍTULO 2..... 16

ENSINO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA REFLEXÃO SOBRE CONSUMO CONSCIENTE A PARTIR DO ORÇAMENTO FINANCEIRO

Stephany Karoline de Souza Chiappetta
José Roberto da Silva

DOI 10.22533/at.ed.0782017092

CAPÍTULO 3..... 28

INVERSÕES ENTRE GOVERNANÇA CORPORATIVA E CULTURA ORGANIZACIONAL: UMA INVESTIGAÇÃO NUMA EMPRESA FAMILIAR BRASILEIRA

Hélder Uzêda Castro
Marta Cardoso de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.0782017093

CAPÍTULO 4..... 39

DE LA RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL AL VALOR COMPARTIDO: UN RETO PARA EL SECTOR COOPERATIVO COLOMBIANO

Gustavo Adolfo Rubio-Rodríguez
Fernando de Almeida Santos
Sergio Roberto da Silva
Ludivia Hernández Aroz

DOI 10.22533/at.ed.0782017094

CAPÍTULO 5..... 45

INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR EM EXTREMADURA (ESPANHA): OBSTÁCULOS À INOVAÇÃO, AÇÕES PÚBLICAS EXIGIDAS E ESTRATÉGIAS DE INOVAÇÃO

Beatriz Corchuelo Martínez-Azúa

DOI 10.22533/at.ed.0782017095

CAPÍTULO 6..... 71

SISBOV: UMA ANÁLISE SOBRE SUA CONTRIBUIÇÃO PARA PROMOVER EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA COM CERTIFICAÇÃO DE ORIGEM

Nelson Roberto Furquim
Denise Cavallini Cyrillo

DOI 10.22533/at.ed.0782017096

CAPÍTULO 7..... 73

UMA ANÁLISE EMPÍRICA DA VOLATILIDADE DO RETORNO DO BOI GORDO PARA O BRASIL

Alexsandro Gonçalves da Silva Prado
Fábio Lúcio Rodrigues
Kelly Cristina de Oliveira
Marta Aurélio Dantas de Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.0782017097

CAPÍTULO 8..... 84

ACOMPANHAMENTO DOS PREÇOS DOS PRODUTOS DA CESTA BÁSICA DO DIEESE NO ANO DE 2019 NO MUNICÍPIO DE ERECHIM – RS

Lidiane Rovani
Indaiá Tainara Tamagno
Carlos Frederico de Oliveira Cunha

DOI 10.22533/at.ed.0782017098

CAPÍTULO 9..... 96

AÇÕES PARA A INCLUSÃO DO PESCADO NA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE ITANHAÉM – SP - BRASIL

Cristiane Rodrigues Pinheiro Neiva
Thais Moron Machado
Érika Fabiane Furlan
Luciana de Melo Costa
Rúbia Yuri Tomita

DOI 10.22533/at.ed.0782017099

CAPÍTULO 10..... 115

APICULTURA E SUSTENTABILIDADE: IMPACTOS NEGATIVOS DO USO DE AGROTÓXICOS, UMA AMEAÇA ÀS ABELHAS?

Luiza Maria Valdevino Brito
Ademar Maia Filho
Francisco Mário de Sousa Silva
Francisco Roberto de Azevedo
Ricardo Luiz Lange Ness

DOI 10.22533/at.ed.07820170910

CAPÍTULO 11..... 127

EL PAPEL DE LAS INSTITUCIONES Y LOS INSTRUMENTOS DE GOBERNANZA AMBIENTAL PARA LA SOSTENIBILIDAD COMO ELEMENTO IMPORTANTE PARA COMBATIR LA DEFORESTACIÓN EN PARÁ: UN BREVE ANÁLISIS

André Cutrim Carvalho
Alana Paula de Araújo Aires
Lígia Amaral Filgueiras
Gisalda Carvalho Filgueiras
Antônio Rodrigues da Silva Júnior
Carmelita de Fátima Amaral Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.07820170911

CAPÍTULO 12..... 139

A INFLUÊNCIA PORTUGUESA NO TEATRO BRASILEIRO: UMA BREVE REFLEXÃO HISTÓRICA

Hélder Uzêda Castro

Noelio Dantaslé Spinola

DOI 10.22533/at.ed.07820170912

SOBRE O ORGANIZADOR..... 150

ÍNDICE REMISSIVO..... 151

INDÚSTRIA AGRO-ALIMENTAR EM EXTREMADURA (ESPANHA): OBSTÁCULOS À INOVAÇÃO, AÇÕES PÚBLICAS EXIGIDAS E ESTRATÉGIAS DE INOVAÇÃO

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Beatriz Corchuelo Martínez-Azúa

Universidad de Extremadura, Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales Badajoz (España)
<https://orcid.org/0000-0002-6590-7944>

RESUMO: Tanto no caso da Espanha quanto, mais especificamente, na Comunidade Autónoma da Extremadura, a indústria agroalimentar ocupa um lugar de grande importância na indústria manufatureira. Esse setor está passando por mudanças substanciais que percebem a necessidade de incluir inovação em suas estratégias e mudar e adaptar seus produtos às demandas e mercados de alimentos dos novos consumidores, a fim de ser mais competitivo e “diferenciar” também de outros produtores.

Com base nessas considerações, este estudo tem um duplo objetivo: 1) analisar quais barreiras à inovação são percebidas pelas empresas agroalimentares da Extremadura e que tipos de ações públicas são exigidas pelas empresas para estimular a inovação; 2) analisar como as empresas agro-alimentares na Extremadura valorizam a importância da inovação em suas estratégias e realizar uma caracterização delas com base em estratégias de inovação.

Os dados são de uma pesquisa realizada em 2013, na qual uma amostra representativa de empresas agroalimentares foi selecionada.

Em primeiro lugar, a análise dos dados revela diferenças entre empresas cooperativas e não cooperativas nos obstáculos percebidos para inovar e nas ações públicas exigidas. Em segundo lugar, a análise fatorial permite diferenciar quatro tipos diferentes de estratégias com base na importância que as empresas atribuem à inovação, das quais as empresas são caracterizadas de acordo com uma série de variáveis. Essa caracterização é importante e útil no desenho de políticas públicas. Os resultados permitem determinar diferentes tipologias de empresas agroalimentares do ponto de vista de políticas inovadoras.

PALABRAS-CHAVE: Agronegócio, inovação, estratégias, obstáculos, políticas públicas.

AGRI-FOOD INDUSTRY IN EXTREMADURA (SPAIN): BARRIERS TO INNOVATION, DEMANDED PUBLIC ACTIONS, AND INNOVATION STRATEGIES

ABSTRACT: Both in the case of Spain and, more specifically, in the Autonomous Community of Extremadura, the agri-food industry occupies a place of great importance in the manufacturing industry. This industry is experiencing substantial changes that perceive the need to include innovation within its strategies and change and adapt their products to the new consumers' food demands and markets in order to be more competitive and “differentiate” from other producers, as well.

Based on these considerations, this study has a double objective: 1) to analyze what barriers to

innovation are perceived by Extremaduran agri-food companies and what types of public actions are demanded by companies in order to stimulate innovation; 2) to analyze how agri-food companies in Extremadura value the importance of innovation in their strategies, and to carry out a characterization of them based on innovation strategies.

Data come from a survey conducted in 2013 from which a representative sample of agri-food companies was selected. Firstly, the analysis of the data reveals differences between cooperative and non-cooperative enterprises in the perceived obstacles to innovate and the public actions demanded. Secondly, factor analysis differentiates four different types of strategies based on the importance that companies give to innovation, from which companies are characterized according to a series of variables. This characterization is important and useful in the design of public policies. The results allow determining different typologies of agri-food companies from the point of view of innovative policies.

KEYWORDS: Agribusiness, innovation, strategies, obstacles, public policies.

1 | INTRODUCCIÓN

En la Unión Europea, la industria alimentaria es la principal actividad de la industria manufacturera, con un valor superior a los 1.109.000 M€ de cifra de negocio, representando el 13,8% del consumo (FoodDrink Europa, 2018). Asimismo, en España, esta industria ocupa un lugar de gran importancia en el conjunto de la industria manufacturera.

En el caso concreto de la Comunidad Autónoma de Extremadura, región situada en el suroeste de España, la industria agroalimentaria juega un papel fundamental. De acuerdo a datos recientes del Instituto Nacional de Estadística (INE), el número de empresas de la industria alimentaria en Extremadura ascendió a 1260 empresas (abril 2019). De ellas, el mayor porcentaje corresponde a empresas sin asalariados (24,8% del total) o con menos de 10 trabajadores (80,7% del total con asalariados). Destaca la Fabricación de molinería, almidones y productos amiláceos (40,6% del total) seguido de Procesado y conservación de carne y elaboración de productos cárnicos (19,6%), Procesado y conservación de frutas y hortalizas (9,4%), Fabricación de aceites y grasas vegetales y animales (9,1%) y Fabricación de productos lácteos (7,2%).

A pesar de su importancia y papel que desempeña esta industria en el desarrollo regional, la agroindustria extremeña padece problemas crónicos provocados por una dimensión insuficiente, carácter local, falta de clústeres empresariales o una aún escasa actividad innovadora (Corchuelo y Mesías, 2017). Es así como la industria agroalimentaria está experimentando cambios sustanciales al ver la necesidad de incluir la innovación dentro de sus estrategias y cambiar sus productos. Por una parte, debe adaptar sus productos a las nuevas demandas alimenticias de los consumidores y los mercados para ser más competitivos y “diferenciarse” de otros productores. Por otra parte, debe adaptar su estructura organizativa y, especialmente, sus estrategias de comercialización para ganar competitividad y adaptarse al mercado internacional, lo cual implica cambios de innovación

no tecnológica. Al igual que en otras industrias, la innovación (tecnológica y no tecnológica) reporta a las empresas agroalimentarias la posibilidad de generar mayores ingresos y aumentar su productividad y competitividad.

En base a estas consideraciones, este estudio tiene un doble objetivo: 1) analizar qué barreras a la innovación son percibidas por las empresas y los tipos de actuaciones públicas que son demandadas por las empresas con el fin de estimular la innovación; 2) analizar cómo valoran las empresas agroalimentarias extremeñas la importancia que tiene la innovación en sus estrategias y realizar una caracterización de las mismas en base a las estrategias de innovación y así contribuir al diseño de políticas científicas y tecnológicas específicas que estimulen la actividad innovadora.

Los datos proceden de una encuesta *ad hoc* sobre innovación en las empresas extremeñas. La encuesta se realizó en junio de 2013 y se filtró y seleccionó una muestra de empresas agroalimentarias. La metodología combina el análisis descriptivo de los datos, que pone de manifiesto la existencia de diferencias entre las empresas cooperativas y no cooperativas, innovadoras y no innovadoras, en cuanto a obstáculos percibidos para innovar y acciones públicas demandadas por las empresas, junto a un análisis factorial exploratorio, que diferencia cuatro tipos diferenciados de estrategias innovadoras en base a la importancia que las empresas conceden a la innovación. La diferenciación en base a estas estrategias innovadoras permite caracterizar a las empresas en función a una serie de variables, entre las que se encuentran los principales obstáculos a la innovación percibidos, y ello contribuye a determinar qué tipo de acciones públicas serían más adecuadas promover en base a las características diferenciadas de las empresas.

El estudio tiene importantes contribuciones. La primera, es desarrollar un aspecto no contemplado en estudios previos pues permite caracterizar a las empresas agroalimentarias de la región vinculando los objetivos de la innovación a las estrategias innovadoras desarrolladas. En este sentido, son diversos, si bien no numerosos, los estudios sobre innovación relacionados con las regiones en España (Buesa, 1998; Buesa et al., 2002; Badiola y Coto, 2012). Existen también estudios que analizan la actividad innovadora de regiones concretas y de sus empresas (Ruiz, 2005; EOI, 2011 en Andalucía; López-Rodríguez, Faiñas, y Manso, 2010 en País Vasco; o Corchuelo y Carvalho, 2013, y Corchuelo y Mesías, 2015, en Extremadura). No obstante, en relación, en concreto, a la industria agroalimentaria son escasos los estudios existentes. En el caso concreto de España, se encuentran los estudios de Alarcón y Sánchez (2012; 2014 a y b), Alarcón, González y Sánchez (2014); y Arias, Alarcón y Botey (2016). Aplicados a la industria agroalimentaria extremeña, está el estudio Corchuelo y Mesías (2017), y los estudios de Corchuelo y Martín-Vegas (2019), y Corchuelo y Ferreiro (2019), donde se puede ampliar la información aportada en este capítulo.

La segunda contribución consiste en profundizar en el comportamiento innovador de las empresas agroalimentarias en base a los obstáculos percibidos e incidir en las

acciones públicas que son demandadas, especialmente desde el punto de vista del sector empresarial. En relación a los obstáculos a la innovación son numerosos los estudios que lo han analizado a partir de muestras de empresas de diferentes sectores y países. Por citar algunos estudios, se encuentran los de Piatier (1984), Kamali *et al.* (2011), Necadová y Scholleová (2011) o D'Este *et al.* (2012) a nivel internacional. En el caso español, se encuentran, entre otros, los de Segarra y Teruel (2010), Corchuelo y Mesías (2015), o Arias *et al.* (2016).

Finalmente, tanto la caracterización de las empresas en base a sus estrategias de innovación, como el análisis de los obstáculos a la innovación y las políticas públicas demandadas contribuyen, como se ha indicado previamente, al diseño de políticas públicas regionales de innovación.

Este estudio se organiza como sigue: en la sección 2, se explica la forma de obtención de los datos, la muestra utilizada, y se resumen algunos resultados descriptivos relevantes; la siguiente sección, analiza de forma descriptiva y diferenciando por empresas innovadoras y no innovadoras, y empresas cooperativas y no cooperativas, cuáles son los principales obstáculos a la innovación percibidos y las acciones públicas que son demandas por las empresas; en la sección 4, se determinan diferentes grupos de empresas en base a diferentes tipos de estrategias innovadoras lo cual permite determinar posibles actuaciones públicas que se podrían desarrollar para estimular la actividad innovadora; finalmente, en la última sección, se concluye.

2 | DATOS

Los datos utilizados proceden de una encuesta *ad hoc* realizada en junio de 2013 a empresas extremeñas. De un total de 524 empresas, se seleccionó una muestra de empresas agroalimentarias que, tras realizar los filtros pertinentes, está compuesta por 124 empresas. Esta muestra representa el 9% del total de empresas agroalimentarias existentes en la región en ese año. El tamaño de las empresas es principalmente microempresa (el 64,1% de las empresas tiene menos de 10 trabajadores) y pequeña y mediana empresa (el 28,1% de las empresas tiene entre 10 y 50 trabajadores. El 22,2% de las empresas analizadas (30 empresas) son cooperativas, lo cual representa el 10,3% de las cooperativas existentes en la región con datos del año 2012 (OSCAE, 2013).

De la muestra obtenida, el 51,6% de las empresas (64 empresas, de las cuales 16 son cooperativas y 48 no cooperativas) declaran haber realizado actividades de innovación en los últimos 2/3 años. La actividad innovadora es algo superior en las cooperativas (53,3% del total de cooperativas) que en las no cooperativas (51% del total de no cooperativas).

En cuanto al tipo de innovación desarrollada destacan especialmente las innovaciones de producto (61% del total) e innovaciones de proceso (53% del total). Es ligeramente superior el porcentaje de cooperativas que indica desarrollar innovaciones de producto

(62,5% frente al 60,4% de no cooperativas) y es superior el porcentaje de no cooperativas que realizan innovaciones de proceso (el 56,2% frente al 43,8% de cooperativas).

Otra diferencia a destacar entre cooperativas y no cooperativas es el mayor grado de colaboración en innovación con otras empresas de las cooperativas (43,8% frente al 27% de no cooperativas). Asimismo, las empresas cooperativas innovadoras utilizan en mayor medida sistemas de protección de la innovación (60% frente al 49% de las no cooperativas). Finalmente, otro aspecto interesante a destacar es el mayor porcentaje en cuanto a financiación pública de las cooperativas (75%) en relación a las no cooperativas (37,5%). Un análisis más detallado de la muestra se puede analizar en Corchuelo y Mesías (2017).

3 I OBSTÁCULOS A LA INNOVACIÓN Y ACCIONES PÚBLICAS DEMANDADAS

El primer objetivo del estudio es analizar los obstáculos a la innovación percibidos y las ayudas públicas demandadas por las empresas agroalimentarias extremeñas. Con relación a los obstáculos a la innovación, en el cuestionario se preguntó sobre la percepción de las empresas, valorando de acuerdo a una escala de Likert 0-10 (0: poco importante; 10: muy importante), sobre 17 barreras a la innovación. La Figura 1 muestra la valoración media diferenciando entre empresas agroalimentarias cooperativas y no cooperativas, y, a su vez, entre innovadoras y no innovadoras dentro de cada grupo. Se detectan, en este sentido, algunas diferencias interesantes según el tipo de empresa.

Con relación a las empresas cooperativas, se observa que las no innovadoras valoran relativamente más los obstáculos en relación a las empresas innovadoras. Tanto innovadoras como no innovadoras coinciden en dar una valoración elevada (la más alta para las innovadoras) a la *falta de apoyo por parte de las Administraciones Públicas*. Son, además, especialmente valoradas las barreras de tipo económico: *costes elevados* y *falta de financiación interna y externa*. Finalmente, difiere especialmente el hecho de que las no innovadoras valoran más como barrera la existencia de *riesgo económico elevado* que supone innovar.

Por otra parte, con relación a las empresas agroalimentarias no cooperativas se observa que se acercan más las valoraciones medias de las innovadoras y no innovadoras si bien, en general, siguen siendo ligeramente más elevadas en el caso de las no innovadoras. De nuevo, la barrera más valorada es, tanto para innovadoras como no innovadoras es la *falta de apoyo de las Administraciones Públicas*, seguido de las barreras de tipo económico especialmente en el caso de las no innovadoras que también valoran más la existencia de *riesgo económico elevado* como obstáculo a la innovación.

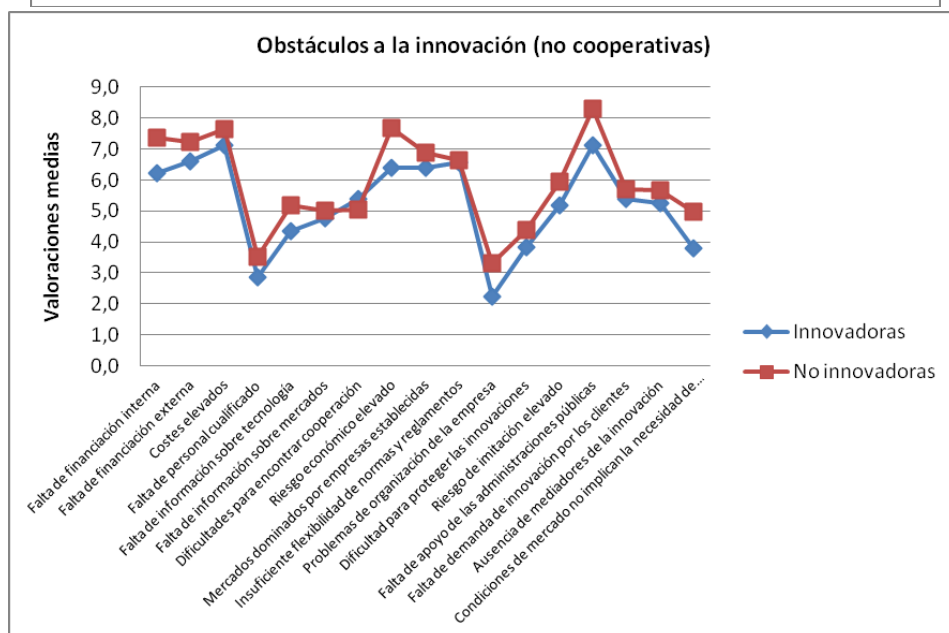
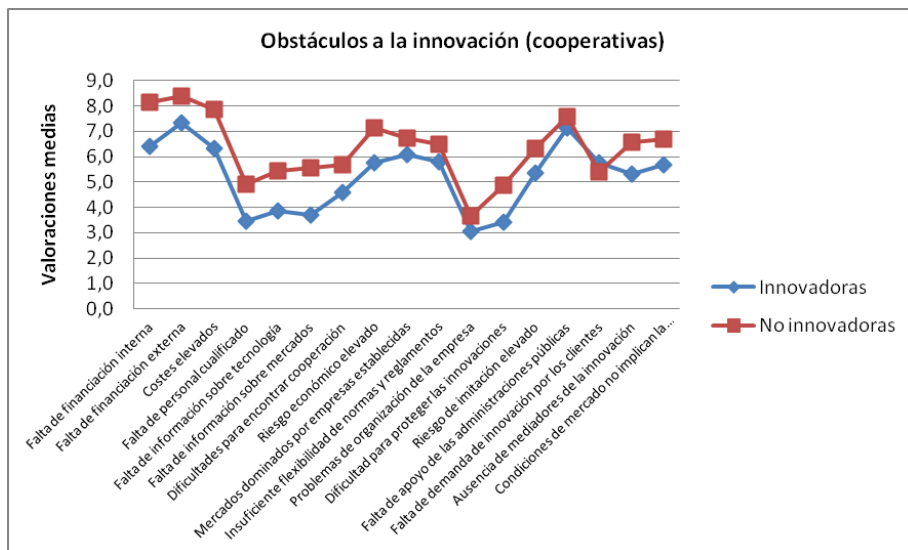


Figura 1. Valoración media de obstáculos a la innovación

En relación a las políticas públicas demandadas por las empresas para estimular la innovación, el último bloque del cuestionario pregunta a las empresas sobre qué acciones públicas se deberían desarrollar más a fin de incentivar la actividad innovadora. En la Figura 2 se resumen los porcentajes diferenciando entre empresas cooperativas y no cooperativas, e innovadoras y no innovadoras dentro de cada grupo. Se observa que la principal acción demandada es la *concesión de subvenciones y otros tipos de ayudas financieras públicas*.

Se detecta una diferencia importante entre las empresas cooperativas y no cooperativas relativa a que las no cooperativas demandan un *mayor asesoramiento personalizado*. En el caso de las cooperativas, y principalmente para las innovadoras, se demandan más, comparativamente a las no cooperativas *mayores beneficios fiscales*.

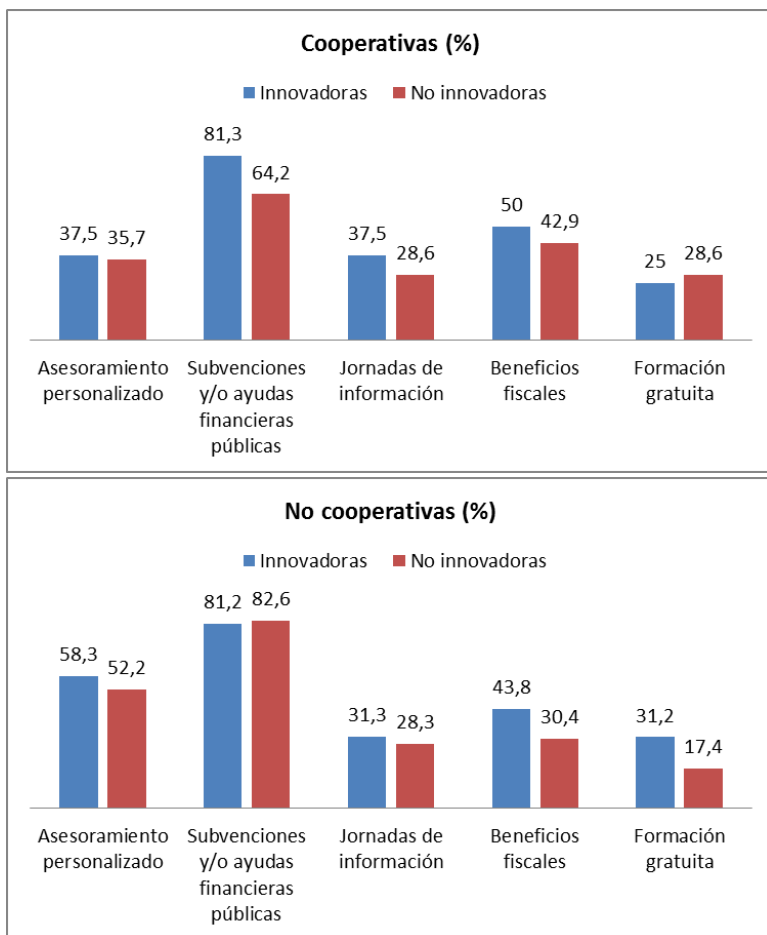


Figura 2. Acciones públicas demandadas (% empresas)

4 | CARACTERIZACIÓN DE LAS EMPRESAS AGROALIMENTARIAS EXTREMEÑAS SEGÚN ESTRATEGIAS DE INNOVACIÓN

En base a lo analizado anteriormente, el segundo objetivo planteado es realizar una caracterización de las empresas agroalimentarias según estrategias de innovación, y analizar las características de las mismas en base a determinadas variables, entre ellas, los obstáculos a la innovación percibidos, a fin de determinar las acciones públicas

necesarias para estimular la innovación en función de las características analizadas. Para ello, el cuestionario pregunta sobre la valoración de las empresas acerca de los *objetivos e importancia de la innovación* (11 ítems que se valoran de acuerdo a una escala de Likert 0-10: 0- poco importante; 10- muy importante). En la Figura 3 se muestra la importancia media diferenciando entre empresas agroalimentarias innovadoras y no innovadoras. En general, se observa que las empresas innovadoras conceden una mayor valoración en todos los aspectos analizados.

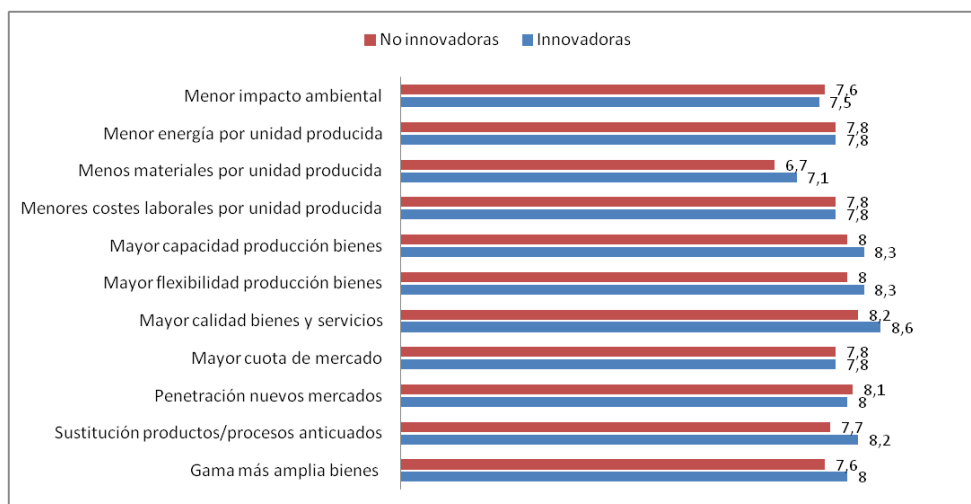


Figura 3. Valoración media de la importancia de la innovación

Utilizamos el análisis factorial (AF) como herramienta para determinar las principales dimensiones dentro de la importancia y objetivos de la innovación. A través de esta técnica se pretende explicar la variabilidad del conjunto de variables en el menor número de componentes o factores de forma que se proporcione una visión de las interrelaciones entre los variables (Peña, 2002; Hair et al., 2008). Con el fin de obtener una interpretación adecuada de los factores se ha realizado una rotación utilizándose el método varimax de rotación ortogonal (Tabla 1).

	Factor 1	Factor 2
Gama más amplia de bienes y servicios	0,721	
Sustitución de productos o procesos adecuados	0,592	
Penetración en nuevos mercados	0,825	
Mayor cuota de mercado	0,770	
Mayor calidad de bienes o servicios	0,829	

Mayor flexibilidad en la producción o prestación de servicios	0,826	
Mayor capacidad en la producción o prestación de servicios	0,797	
Menores costes laborales por unidad producida		0,688
Menos materiales por unidad producida		0,885
Menor energía por unidad producida		0,721
Menor impacto ambiental		0,794

Tabla 1. Matriz de componentes rotados

La matriz de componentes proporciona la correlación de los factores con cada una de las variables. Se obtienen dos factores diferenciados con relación a la importancia concedida a la innovación. El Factor 1 explica el 54,78% de la varianza y se relaciona principalmente con aspectos que contribuyen a mejorar la competitividad a través de la diferenciación en el mercado, por lo que es un factor vinculado al aumento de la competitividad a través de la “*diferenciación*”. El factor 2 explica el 12,66% de la varianza y está vinculado a factores relacionados con el aumento de la competitividad a través de la “*reducción de costes*”.

Apartir de este análisis se pueden caracterizar 4 grupos de empresas agroalimentarias siguiendo la clasificación realizada por Prochnik y Araújo (2005). En cada uno de los grupos, se caracteriza a las empresas en base a una serie de variables. A continuación, se analizan los grupos de empresas según la estrategia de innovación y sus principales características.

Grupo 1 (elevada valoración en “*diferenciación*” y “*reducción de costes*”): estas empresas siguen una estrategia innovadora que denominamos de “búsqueda de ventajas competitivas”, en el sentido de ser empresas que buscan la diferenciación de productos que dirigen a nuevos mercados con adelantos en eficiencia técnica. Lo integran 33 empresas y se corresponde con una estrategia de innovación ofensiva o de líder tecnológico de acuerdo a Canós *et al* (2015). Se caracterizan por ser de mayor tamaño, mayor actividad exportadora, principalmente cooperativas y realizar innovaciones de productos. Las empresas de este grupo perciben el *coste elevado* de la innovación como barrera principal para innovar, probablemente debido a que son innovaciones radicales en comparación a la innovación desarrollada por otras empresas agroalimentarias. El apoyo público específico de financiación (en sus dos vertientes de subvenciones y beneficios fiscales), así como seminarios de información orientados a este tipo de empresas, podrían ser una política adecuada para aumentar y estimular la innovación para las empresas que siguen esta estrategia innovadora.

Grupo 2 (elevada valoración en “*diferenciación*” y baja valoración en “*reducción de costes*”): estas empresas siguen una estrategia innovadora que denominamos de “posicionamiento en el mercado”, en el sentido de buscan la diferenciación de productos dirigido a un nuevo mercado con la misma base tecnológica. Este grupo está integrado por 29 empresas que se corresponderían con la estrategia innovadora defensiva que sigue a

los líderes tecnológicos (Canós *et al*, 2015). Las empresas no buscan ser líderes ni estar fuera de los mercados, lo que implica un desempeño creativo innovador. De acuerdo a las variables analizadas, son empresas pequeñas que buscan el desarrollo de innovación de procesos. El principal obstáculo detectado es la *falta de financiación externa*. En este sentido, estas empresas requieren de subvenciones públicas específicas para obtener la financiación externa necesaria para realizar innovaciones.

Grupo 3 (elevada valoración en “*reducción de costes*” y baja en “*diferenciación*”): las empresas de este grupo siguen una estrategia innovadora que denominamos de “liderazgo en costes” en el sentido de buscar una mejora en la capacidad productiva a través de adelantos en eficiencia y significativa reducción de costes. Está integrado por 27 empresas. Estas empresas tienen como objetivo desarrollar una estrategia tradicional de innovación (Canós *et al*, 2015) para mejorar su actividad productiva mediante la reducción de costes principalmente a través de innovaciones de procesos. Los principales obstáculos que detectan este tipo de empresas vienen determinados tanto por razones económicas (*falta de financiación externa e interna y elevados costes*), como por razones de mercado (*alto riesgo económico y empresas establecidas en los mercados*). Para este tipo de empresas, las actuaciones públicas deben estar orientadas a proporcionar un apoyo financiero especial y asesoramiento personalizado para disminuir la percepción de tales obstáculos y estimular el desarrollo de actividades innovadoras.

Grupo 4 (baja valoración en “*reducción de costes*” y “*diferenciación*”): la estrategia innovadora desarrollada por estas empresas la denominamos “de racionalización de costes” en el sentido de aumentar la capacidad por medio del empleo de bienes de capital semejantes a los ya utilizados y/o mejora de la calidad, pero con una menor intención de innovar. Lo integran 35 empresas y se corresponde con una estrategia de innovación imitativa (Canós *et al*, 2015). Son empresas de menor tamaño y menor intención de innovar. La menor intención de innovar está motivada, principalmente, por la mayor valoración de los obstáculos debido a razones económicas (*falta de financiación interna y externa y elevados costes*). Las acciones públicas deben tener en cuenta este aspecto al proporcionar el apoyo público de financiación específica para impulsar actividades innovadoras en estas empresas.

En resumen, dependiendo de las estrategias de innovación definidas, se pueden diseñar actuaciones públicas específicas que incluyen apoyo financiero directo (subvenciones) e indirecto (incentivos fiscales), seminarios informativos y asesoramiento personalizado, a fin de estimular la actividad innovadora.

5 | CONCLUSIONES

La industria agroalimentaria desempeña un papel fundamental en la economía regional de Extremadura. No obstante, a pesar de su importancia, todavía sufre de importantes problemas crónicos. Aunque se están realizando importantes esfuerzos, un aspecto a mejorar es el aumento de la actividad innovadora. Como consecuencia de ello, se están llevando a cabo acciones públicas que tienen como objetivo promover estas actividades si bien aún quedan aspectos de mejora.

La identificación de los obstáculos percibidos por las empresas agroalimentarias para innovar, así como las acciones públicas que son demandadas para impulsar la actividad innovadora es un aspecto importante para diseñar políticas tecnológicas específicas. Asimismo, las características de las empresas, de acuerdo con la percepción de la importancia de la innovación para desarrollar actividades innovadoras, es un análisis que permite, asimismo, contribuir al diseño de políticas públicas que fomenten la capacidad innovadora de la industria agroalimentaria en Extremadura. Este aspecto resume este estudio, que utiliza una muestra representativa de empresas agroalimentarias para analizar las características de las empresas en función de sus estrategias innovadoras. Se han distinguido cuatro grupos de empresas relacionadas con diferentes estrategias de innovación. Las empresas en diferentes grupos de estrategias de innovación tienen características específicas y perciben diferentes obstáculos para innovar. El diseño de una política pública dirigida a promover actividades innovadoras debe estar orientado a establecer acciones específicas e incentivos financieros que tengan en cuenta las características de estas empresas.

BIBLIOGRAFÍA

Alarcón, S. y Sánchez, M. External and internal R&D, capital investment and business performance in the Spanish agri-food industry. *Journal of Agricultural Economics*, v. 64, n°3, p. 654–675. 2012.

Alarcón, S. y Sánchez, M. Cómo innovan y qué resultados de innovación consiguen las empresas agrarias y alimentarias españolas. *Cuadernos de Estudios Agroalimentarios*, CEA06, p. 63-82. 2014 (a).

Alarcón, S. y Sánchez, M. Relations between innovation activities and exports in food and agriculture firms. *EAAE 2014 Congress 'Agri-Food and Rural Innovations for Healthier Societies'*, 26-29 agosto, Ljubljana (Eslovenia). 2014 (b).

Alarcón, S., González, L. y Sánchez, M. Strategies for the development of new products in the Spanish agri-food industry. En: *E-Innovation for Sustainable Development of Rural Resources During Global Economic Crisis*. EE.UU.: IGI Global. 2014.

Arias, P., Alarcón, S. y Botey, M. La caracterización a través del análisis factorial de las empresas agroalimentarias según sus obstáculos a la innovación. *Revista de Economía Industrial*, n° 400, p. 139-149. 2016.

Badiola A. y Coto P.P. Determinantes de la innovación tecnológica en las regiones españolas. International Conference on Regional Sciences y XXXVIII Reunión de Estudios Regionales-AEER, 22-23 noviembre, Bilbao (España). 2012.

Buesa, M. I+D innovación tecnológica en las regiones españolas. Documento de Trabajo del IAIF, nº. 13. 1998.

Buesa, M., Martínez, M., Heijs, H. y Baumert, T. Los sistemas regionales de innovación en España. Una tipología basada en indicadores económicos e institucionales. *Economía Industrial*, nº 347, p. 15-32. 2002.

Canós, L., Pons, C. y Santandreu, C. Estrategias de innovación. Escuela Politécnica Superior de Gandía, Universitat Politècnica de València. 2015.

Corchuelo, B. y Carvalho, A. Obstáculos a la innovación y políticas públicas orientadas al fomento de la innovación. *Anales de Economía Aplicada*, XXVII, p. 231-258. 2013.

Corchuelo, B. y Mesías F.J. Innovation policies and barriers to innovation. An analysis in Extremadura (Spain). En: *Handbook of Research on Internationalization of Entrepreneurial Innovation in the Global Economy*. Hershey: IGI Global. EE.UU. 2015.

Corchuelo, B. y Mesías, F.J. Disposición a innovar y competitividad en la agroindustria extremeña. *ITEA-Información Técnica Económica Agraria*, v. 113, nº 2, p. 176-191. 2017.

Corchuelo, B y Martín-Vegas, F. Characteristics of Extremaduran Agri-food Companies According to Innovation Strategies. *Technology Transfer and Entrepreneurship*, v.6, nº 1, p. 6-15. 2019.

Corchuelo, B. y Ferreiro, F.J. Agri-food industry in Extremadura: Obstacles to innovation, willingness to innovate, and demanded public actions. *Revista de Investigaciones Regionales*, v. 3, nº 45, p. 181-199. 2019.

D'Este, P., Iammarino, S., Savona, M. y von Tunzelmann, N. What hampers innovation? Revealed barriers versus deterring barriers. *Research Policy*, v. 41, nº 2, p.482-488. 2012.

EOI: Diagnóstico de las capacidades de innovación de las pymes de Andalucía y su incidencia en el empleo. 2011. Disponible en: <http://www.eoi.es/savia/documento/eoi-20192/diagnostico-de-las-capacidades-de-innovacion-de-las-pymes-de-andalucia-y-su>. Acceso el 20 mayo 2020.

Hair, J., Anderson, R., Tatham, R. y Black, W. *Análisis Multivariante*. Prentice Hall. 2008.

López-Rodríguez, J., Faiñas A. y Manso, G. Sistemas de innovación regionales: el caso del País Vasco. *Revista Galega de Economía*, nº 19, p. 1-17. 2010.

Kamalian, A., Rashki, M. y Arbabi, M.L. Barriers to innovation among Iranian SMEs. *Asian Journal of Business Management*, v. 3, nº 2, p. 79-90. 2011.

Necadová, M. y Scholleova, H. Motives and barriers of innovation behavior of companies. *Economics and Management*, nº 16, p. 832-838. 2011.

OSCAE. Macromagnitudes del Cooperativismo agroalimentario español. OSCAE- Observatorio Socioeconómico del Cooperativismo Agroalimentario Español-Cooperativas Agro-alimentarias de España. 2013.

Peña, D. Análisis de datos multivariantes. Mc Graw-Hill. 2002.

Ruiz, F. I+D y territorio. Análisis y diagnóstico de la innovación empresarial en Andalucía. Colección Premios de Investigación. Consejo Económico y Social de Andalucía. 2005.

Piatier, A. Barriers to Innovation. London: Frances Pinter Publishers Ltd. 1984.

Prochnik, V. y Araújo, R. D. Uma análise do baixo grau de inovação na indústria brasileira a partir do estudo das frmas menos inovadora. XXXIII Encontro Nacional de Economia - XXXIII ANPEC, Natal/RN. 2005.

Santos, D. y Simoes, M.J. Regional innovation systems in Portugal: a critical evaluation. Investigaciones Regionales, nº 28, p. 37-56. 2014.

Segarra, A., y Teruel, M. Obstáculos de las empresas para innovar. En: Análisis sobre la Ciencia y la Innovación en España. Madrid: Fundación para la Ciencia y la Tecnología. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha 124
Agronegócio 34, 45, 116, 118, 119, 124
Agrotóxico 121
Alimentação Escolar 96, 97, 113, 116
Apicultura 115, 116, 117, 119, 120, 125, 126
ARCH 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83
Arima 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 78
Arrecadação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 13, 14, 15

B

Boi Gordo 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83
Brasil 2, 13, 15, 19, 25, 27, 34, 37, 38, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 86, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 106, 107, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 133, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

C

Cadeia Produtiva 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70
Capital 23, 28, 29, 33, 37, 38, 42, 54, 55, 96, 97, 102, 103, 104, 111, 112, 145, 146
Carne Bovina 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 90, 91, 95
Certificação de Origem 58, 59, 69
Cesta Básica 84, 85, 86, 88, 89, 93, 94, 95
Comércio Internacional 58, 59, 60
Commodity 73, 74, 78, 83
Compliance 28, 29, 30, 32, 37
Comportamento Oportunista 58, 60, 69
Cooperativa(s) 39, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 124, 150
Cultura 28, 30, 38, 139, 148, 149
Cultura Organizacional 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38

D

Desmatamento 128, 138
DIEESE 84, 85, 87, 88, 89, 91, 95

E

Economia Solidária 99, 104, 105, 106, 112, 113, 114

Educação Financeira 16, 17, 23, 25, 26, 27

EGARCH 73, 74, 78, 81, 82, 83

Empresa Familiar 28, 30, 33

Estudo de Viabilidade Econômica 96, 104

Exportações 58, 62, 64, 67, 68, 70, 91, 94

G

GARCH 74, 77, 78, 79, 81, 82, 83

Gestão 25, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 60, 62, 66, 69, 70, 96, 104, 105, 112, 127, 128, 150

Governança Ambiental 128

Governança Corporativa 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

I

Inovação 45, 57, 98, 111, 150

Instituições 32, 99, 128

M

Matemática Financeira 16, 18, 23, 26

Mel 117, 118, 122, 124, 125, 126

Modelagem 1, 2, 5, 8, 23, 74, 78, 79, 81

Modelo 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 28, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 39, 41, 43, 44, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 100, 117, 124

N

Nova Economia Institucional 128

O

Orçamento Financeiro 16, 17, 18, 19, 21, 24

P

Payback 103, 104, 111

Pescado 96, 97, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 111, 112, 113

Portugal 57, 139, 140, 143

Preço 13, 14, 67, 74, 84, 86, 89, 90, 91, 92, 94, 102, 103, 104, 109, 110

R

Rede Sociotécnica 96, 99, 104, 105, 106, 112, 113

Rentabilidade 96, 103, 104, 110, 111, 112, 115

Retorno 67, 73, 74, 76, 80, 82, 83, 103, 110, 111

RSE 39, 40, 41, 42, 43

S

Salário Mínimo 85, 86, 88, 94

SISBOV 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 136

Stakeholders 28, 29, 32, 33, 36, 37, 39, 44

Sustentabilidade 106, 111, 115, 118, 126, 128

T

Teatro 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

TGARCH 73, 74, 78, 79, 81, 83

Tributos Federais 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 13, 14

V

Viabilidade Técnica e Econômica 96, 99, 101

Volatilidade 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

O Conhecimento Científico na Fronteira das Diversas Áreas da Economia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Conhecimento Científico na Fronteira das Diversas Áreas da Economia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 